

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



*Artur Azevedo*  
*Amor por Anexins*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Artur Azevedo

## *Amor por Anexins*

( Teatro )

---

Publicado originalmente em 1879.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo  
(1855 – 1908)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 520**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Artur Azevedo: “*Amor por Anexins*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# **AMOR POR ANEXINS**

## **ENTREATO CÔMICO**

Esta farsa, entremez, entreato, ou que melhor nome tenha em juízo, o meu primeiro trabalho teatral, foi escrita há mais de sete anos, no Maranhão, para as meninas Riosa, que a representaram em quase todo o Brasil e até em Portugal. Pô-la em música e em boa música, Leocádio Raiol; mas ultimamente representaram-na sem ela, Helena Cavalier e Silva Pereira: desencaminhara-se a partitura. Tem agora nova música, e não inferior, de Carlos Cavalier.

A. A.

## PERSONAGENS

ISAÍAS, solteiro

INÊS, viúva

UM CARTEIRO

*A cena passa-se no Rio de Janeiro. Época, atualidade.*

## ATO ÚNICO

*Sala simples, janela à esquerda, portas ao fundo e à direita. Mesa à esquerda com preparos de costura. Num dos cantos da sala uma talha d'água. Cadeiras.*

### CENA I

INÊS (*Cose sentada à mesa, e olha para a rua, pela janela.*) — Lá está parado à esquina o homem dos anexins! Não há meio de ver-me livre de semelhante cáustico! Ora, eu, uma viúva, e, de mais a mais com promessa de casamento, havia de aceitar para marido aquele velho! Não vê! E ninguém o tira dali! Isto até dá que falar à vizinhança... (*Desce à boca de cena.*)

### COPLA

Eu que, por gosto, perdido  
Tenho casamentos mil,  
Com mais de um belo marido,  
Garboso, rico e gentil,  
De um velho agora a proposta,  
Meu Deus! devia aceitar?  
Demais um velho que gosta  
De assim tão jarreta andar!  
Nada! nada!  
Não me agrada!  
Quero um marido melhor!  
É bem mau não ser casada,  
Mas malcasada é pior.

Ainda hoje escreveu-me uma cartinha, a terceira em que me fala de amor, e a segunda em que me pede em casamento. (*Tira uma carta da algibeira.*) Ela aqui está. (*Lê.*) “Minha bela senhora. Estimo que estas duas regras vão encontrá-la no gozo da mais perfeita saúde. Eu vou indo como Deus é servido. Antes assim que amortalhado. Venho pedi-la em casamento pela segunda vez. Ruim é quem

em ruim conta se tem, e eu não me tenho nessa conta. Jamais senti por outra o que sinto pela senhora; mas uma vez é a primeira.” (*Declamando.*) Que enfiada de anexins! Pois é o mesmo homem a falar! (*Continua a ler.*) “Tenho uns cobres a render; são poucos, é verdade, mas de hora em hora Deus melhora, e mais tem Deus para dar do que o diabo para levar. Não devo nada a ninguém, e quem não deve não teme. Tenho boa casa e boa mesa, e onde come um comem dois. Irei saber da resposta hoje mesmo. Todo seu, Isaías.” (*Guardando a carta.*) Está bem aviado, senhor Isaías! Vou às compras; é um excelente meio de me ver livre de vossemecê e de seus anexins. Vou preparar-me. (*Sai pela porta da direita. Pausa.*)

## CENA II

ISAÍAS (*Deita com precaução a cabeça pela porta do fundo.*) — Porta aberta, o justo peca. (*Avançando na ponta dos pés.*) A ocasião faz o ladrão. Preciso estudar o gênio desta mulher: antes que cases, olha o que fazes. Dois gênios iguais não fazem liga; se a pequena não me sai ao pintar, para cá vem de carrinho. É preciso olhar para o futuro: quem para adiante não olha atrás fica; quem cospe para o ar cai-lhe na cara, e quem boa cama faz nela se deita. Resolvi casar-me, mas bem sei que casar não é casaca. Alguém dirá que resolvi um pouco tarde, porém, mais vale tarde que nunca. Deus ajuda a quem madruga, é verdade; mas nem por muito madrugar se amanhece mais cedo. Procurei uma mulher como quem procura ouro. Infeliz até ali! Vi-as a dar com um pau: bonitas, que era um louvar a Deus de gatinhas; mas... nem tudo o que luz é ouro; feias também que era um deus-nos-acuda; mas muitas vezes donde não se espera, daí é que vem. Quem porfia mata caça dizia com meus botões, e não foi nada, que enquanto o diabo esfrega um olho, cá a dona encheu-me... o olho. Pois olhem que não me passou camarão pela malha... Esta é viúva e costureira... Estou pelo beicinho, e creio que estou servido. Quem já deu não tem para dar, é certo; mas, ora, adeus! quem muito quer muito perde. Já tomei informações a seu respeito: foram as melhores possíveis; mas como o saber não ocupa lugar, e mais vale um tolo no seu que um avisado no alheio, observei-a. Eu sou como São Tomé: ver para crer. Vi-a andar sempre sozinha... e nada de pândegas! Dize-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens. (*Examinando a casa.*) Boa dona-de-casa parece ser! Asseio e simplicidade. Pelo dedo se conhece o gigante. Há de ser o que Deus quiser: o casamento e a mortalha no céu se talham. (*Reparando.*) Ai, que ela aí vem! (*Perfilando-se.*) Coragem, Isaías! Lembra-te de que um homem... (*Atrapalhando-se.*) é um gato e um bicho é um homem! Disse asneira.

## CENA III

ISAÍAS e INÊS.

INÊS (*Vem pronta para sair, ao ver Isaías assusta-se e quer fugir.*) — Ai!

ISAÍAS (*Embargando-lhe a passagem.*) — Ninguém deve correr sem ver de quê.

INÊS — Que quer o senhor aqui?

ISAÍAS — Vim em pessoa saber da resposta de minha carta: quem quer vai e quem não quer manda; quem nunca arriscou nunca perdeu nem ganhou; cautela e caldo de galinha...

INÊS (*Interrompendo-o.*) — Não tenho resposta alguma que dar! Saia, senhor!

ISAÍAS — Não há carta sem resposta...

INÊS (*Correndo à talha e trazendo um púcaro cheio d'água.*) — Saia, quando não...

ISAÍAS (*Impassível.*) — Se me molhar, mais tempo passarei a seu lado; não hei de sair molhado à rua. Eh! eh! Foi buscar lã e saiu tosquiada!...

INÊS — Eu grito!

ISAÍAS — Não faça tal! Não seja tola, que quem o é para si, pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue! Não exponha a sua boa reputação! Veja que sou um rapaz; a um rapaz nada fica mal...

INÊS — O senhor, um rapaz?! O senhor é um velho muito idiota e muito impertinente!

ISAÍAS — O diabo não é tão feio como se pinta...

INÊS — É feio, é!...

ISAÍAS — Quem o feio ama bonito lhe parece.

INÊS — Amá-lo, eu?!... Nunca!...

ISAÍAS — Ninguém diga: desta água não beberei...

INÊS — É abominável! Irra!

ISAÍAS — Água mole em pedra dura, tanto dá...

INÊS — Repugnante!

ISAÍAS — Quem espera sempre alcança.

INÊS — Desengane-se!

ISAÍAS — O futuro a Deus pertence!

INÊS — Há alguém que me estima deveras...

ISAÍAS — Esse alguém (*Naturalmente.*) sou eu.

INÊS — Era o que faltava! (*Suspirando.*) Esse alguém...

ISAÍAS — Quem conta um conto acrescenta um ponto...

INÊS — Esse alguém é um moço tão bonito... de tão boas qualidades...

ISAÍAS — Quem elogia a noiva...

INÊS — O senhor forma com ele um verdadeiro contraste.

ISAÍAS — Quem desdenha quer comprar...

INÊS — Comprar! Um homem tão feio!...

ISAÍAS — Feio no corpo, bonito na alma.

INÊS (*Sentando-se.*) Deus me livre de semelhante marido!

ISAÍAS — Presunção e água benta cada qual toma a que quer... (*Senta-se também.*)

INÊS (*Erguendo-se.*) — Ah, o senhor senta-se? Dispõe-se a ficar! Meu Deus, isto foi um mal que me entrou pela porta!

ISAÍAS (*Sempre impassível.*) — Há males que vêm para bem.

INÊS — Temo-la travada.

ISAÍAS — Venha sentar-se a meu lado. (*Vendo que Inês senta-se longe dele.*) Se não quiser, vou eu... (*Dispõe-se a aproximar a cadeira.*)

INÊS — Pois sim! Não se incomode! (*Faz-lhe a vontade.*) Não há remédio!

ISAÍAS (*Chegando mais a cadeira.*) — O que não tem remédio, remediado está.

INÊS (*Afastando a sua.*) — O que mais deseja?

ISAÍAS — Diga-me cá: o seu noivo?... (*Faz-lhe uma cara.*)

INÊS — Não entendo...

ISAÍAS — Para bom entendedor meia palavra basta...

INÊS — Mas o senhor nem meia palavra disse!

ISAÍAS — Pergunto se... fala francês...

INÊS — Como?

ISAÍAS — Ora, bolas! Quem é surdo não conversa!

INÊS — Mas a que vem essa pergunta?

ISAÍAS (*Naturalmente.*) — Quem pergunta quer saber.

INÊS — Ora!

ISAÍAS (*Sentencioso.*) — Dois sacos vazios não se podem ter de pé.

INÊS — Essa teoria parece-se muito com o senhor.

ISAÍAS — Por quê?

INÊS — Porque já caducou também.

ISAÍAS (*Formalizado.*) — Então eu já caduquei, menina? Isso é mentira.

INÊS — É verdade.

ISAÍAS — Não é.

INÊS — É.

ISAÍAS — Pois se é, nem todas as verdades se dizem. (*Ergue-se e passeia.*)

INÊS — Ah! o senhor zanga-se? É porque quer; não me viesse dizer tolices!  
(*Ergue-se.*)

ISAÍAS (*Interrompendo o seu passeio, solenemente.*) — Na casa em que não há  
pão, todos ralham, ninguém tem razão.

INÊS — Ora! somos ainda muito moços!

ISAÍAS — Quem? nós?

INÊS — (*De mau humor.*) — Não falo do senhor: falo dele...

ISAÍAS — Ah! fala dele...

INÊS — Havemos de trabalhar um para o outro...

ISAÍAS — É bom, é: Deus ajuda a quem trabalha.

*CANTO*

INÊS  
— Sem desgosto viveremos,  
Seremos ricos, talvez;  
Muitos morgados teremos...

ISAÍAS  
— Mas um só de cada vez...

(*Zangado.*)  
A faceira  
Talvez convidar-me queira  
Para padrinho de algum!

INÊS — E não suponha que, apesar de pobre, não me faça bonitos presentes o  
meu noivo.

ISAÍAS — É! Quem cabras não tem e cabritos...

INÊS — Insulta-o?

ISAÍAS — Cão danado, todos a ele! Pois eu havia de insultá-lo, senhora?

INÊS — Se estivesse calado...

ISAÍAS — Sim, senhora: em boca fechada não entram mosquitos... mas é que o seu futurozinho me interessa...

INÊS — Muito obrigada. (*Senta-se.*)

ISAÍAS — Não há de quê. Se bem que eu não seja nenhum Matusalém, estou no caso de lhe dar conselhos. Ouça-me: quem me avisa meu amigo é; quem à boa árvore se chega boa sombra o cobre.

INÊS — Mesmo por já estar no caso de me dar conselhos, é que o não quero para marido.

ISAÍAS — Se eu fosse jovem, não me havia de aceitar, por estar no caso de os receber. Preso por ter cão e preso por não ter!...

INÊS — Não desejo enviuvar de novo...

ISAÍAS — Vaso ruim não quebra...

INÊS — Desengane-se, senhor: não são os seus ditados que me hão de fazer mudar de resolução! (*Passeia.*) Oh!

ISAÍAS — (*Acompanhando-a.*) — Talvez façam, talvez!... Devagar se vai ao longe... muito tolo é quem se cansa... (*Inês volta-se, param defronte um do outro.*) Menina, antes só do que mal acompanhado... Olhe que o pior cego é aquele que não quer ver...

INÊS (*À parte.*) — Vou pregar-lhe uma peta. (*Alto.*) Mas se me faltasse este noivo, outros rapazes há que me têm feito pé-de-alferes.

ISAÍAS — Águas passadas não movem moinhos!

INÊS — E entre eles...

ISAÍAS — O passado, passado!

INÊS — Não me interrompa!... E entre eles há um ricaço que em outro tempo...

ISAÍAS — O tempo que vai não volta!

INÊS — Não me interrompa, já disse! E entre eles há um ricaço que noutra tempo se esqueceu da promessa...

ISAÍAS — O prometido é devido!

INÊS — Ai, mau!... se esqueceu da promessa que me havia feito; mas que está outra vez pelo beicinho...

ISAÍAS — Cesteiro que faz um cesto, faz um cento... (*Movimento de Inês. Com força.*) Se tiver verga e tempo! E quem é esse... ricaço?

INÊS — É segredo.

ISAÍAS — Segredo em boca de mulher é manteiga em nariz... (*A um gesto de Inês.*) de homem! Mas faz bem, faz bem: o segredo é a alma do negócio...

INÊS — O senhor tem na cabeça um moinho de adágios! Passa!...

ISAÍAS — O que abunda não prejudica.

INÊS — Bem! Para maçadas basta. Mude-se!

ISAÍAS — Os incomodados é que se mudam.

INÊS — Mas eu estou em minha casa, senhor!

ISAÍAS — Descobriu mel de pau!

INÊS — Irra! Que homem sem-vergonha!

ISAÍAS (*Examinando cinicamente a costura.*) — Quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

INÊS — Se o meu noivo o visse aqui! Ele, que jurou dar cabo do primeiro rival que...

ISAÍAS — Cão que ladra não morde... E eu sou homem!... tenho força... E contra a força não há resistência!...

INÊS (*Irônica.*) — Ora, por quem é, não faça mal ao pobre moço, sim?

ISAÍAS — Faço!... Quem o seu inimigo poupa às mãos lhe morre. Julga que não estou falando sério? Uma coisa é ver e outra...

INÊS (*No mesmo.*) — Ora, não faça tal.

ISAÍAS — Faço! isto tão certo como dois e três serem cinco. São favas contadas. Quem não quiser ser lobo não lhe vista a pele!

INÊS — Mas sabe que ele é valente?

ISAÍAS — Também eu sou! Cá e lá más fadas há! Duro com duro não faz bom muro, e dois bicudos não se beijam!

INÊS — Ponha-se ao fresco, preciso sair; tenho que fazer lá fora.

ISAÍAS — E eu tenho que fazer cá dentro. Um dia bom mete-se em casa. *(Pausa.)* Olhe, senhora, olhe bem para mim, acha-me feio: não acha?

INÊS — Ai, ai, ai!...

ISAÍAS — Eu também acho, e feliz é o doente que se conhece. Mas muitas vezes as aparências enganam e o hábito não faz o monge. Experimente e verá. *(Suplicante.)* Case comigo.

INÊS — Gentes!

ISAÍAS — Ah! se fôssemos casadinhos, outro galo cantaria! Por exemplo: em vez de sair agora à rua, com este sol de matar passarinho, mandava-me a mim, ao seu maridinho...

INÊS *(Arremedando-o.)* — Ao seu maridinho... *(À parte.)* Oh! que idéia! Vou me ver livre dele. *(Alto.)* Então, sem sermos casados, não pode prestar-me um pequeno serviço?

ISAÍAS — Conforme o serviço: ponha os pontos nos ii.

INÊS — Se me fosse comprar três metros de escumilha. Olhe... aqui tem amostra... No armarinho do Godinho... Sabe onde é?

ISAÍAS — Sei; mas quando não soubesse? Quem tem boca vai a Roma.

INÊS — Está contrariado?

ISAÍAS — O que vai por gosto regala a vida.

INÊS — Tome o dinheiro.

ISAÍAS — Nada... não é preciso... *(Vai saindo e estaca.)* Diabo! não me lembra um ditado a propósito! *(Sai.)*

#### CENA IV

INÊS — Estás bem aviado... Quando voltares, hás de achar a porta fechada. Safa! que maçador! Agora, tratemos de sair: são mais que horas. (*Aparece à porta um carteiro.*)

#### CENA V

INÊS, O CARTEIRO.

O CARTEIRO — Boa-tarde, minha senhora.

INÊS — Boa-tarde. O que deseja?

O CARTEIRO — Aqui tem esta carta... é da caixa urbana...

INÊS — Uma carta? (*Recebendo a carta, consigo.*) De quem será? (*Ao carteiro.*) Obrigada.

O CARTEIRO — Não há de quê, minha senhora. Passe muito bem!

INÊS — Adeus. (*O carteiro sai.*)

#### CENA VI

INÊS — Ah! a letra é de Filipe. Faz bem em escrever-me o ingrato! Há doze dias que nos não vemos... (*Abre a carta e lê. Jogo de fisionomia.*) “Inês. Peço-te perdão por ter dado causa a que perdesse comigo o teu tempo. Ofereceram-me um casamento vantajoso, e não soube recusar. Ainda uma vez perdão! Falta-me o ânimo para dizer-te mais alguma coisa. Dentro em uma semana estarei casado. Esquece-te de mim — Filipe.” (*Declamando.*) Será possível! Oh! meu Deus! (*Relendo.*) Sim... cá está... é a sua letra... (*Depois de ter ficado pensativa um momento.*) Ora, adeus! Eu também não gostava dele lá essas coisas... Digo mais, antes o Isaías; é mais velho, mais sensato, tem dinheiro a render, e Filipe acaba de me provar que o dinheiro é tudo nestes tempos. Espero aqui o Isaías com o meu “sim” perfeitamente engatilhado! Oh! o dinheiro...

#### RECITATIVO

Louro dinheiro, soberano esplêndido,

Força, Direito, Rei dos reis, Razão.  
Que ao trono teu auriluzente e fúlgido  
Meus pobres hinos proclamar-te vão.

Do teu poder universal, enérgico,  
Ninguém se atreve a duvidar! Ninguém!  
Rígida mola desta imensa máquina,  
Fácil conduto para o eterno bem!

Aos teus acenos, Deus antigo e déspota,  
Aos teus acenos, Deus moderno e bom,  
Caem virtudes e se exaltam vícios!  
Todos te almejam, precioso dom!

Inda hás de ser o derradeiro ídolo,  
Inda hás de ser a só religião,  
Louro dinheiro, soberano esplêndido,  
Força, Direito, Rei dos reis, Razão!...

## **CENA VII**

*INÊS, ISAÍAS.*

ISAÍAS (*Entrando.*) — Quem canta seus males espanta.

INÊS — Já de volta! O senhor foi a correr!

ISAÍAS — Nada! quem corre cansa. Encontrei outro armarinho mais perto.

INÊS (*Tomando a fazenda.*) — Muito obrigada. Quanto custou?

ISAÍAS — Um pau por um olho. Mil e duzentos o metro...

INÊS — Pois olhe: o outro vende mais barato.

ISAÍAS — O barato sai caro, e mais vale um gosto do que quatro vinténs.

INÊS — Regateou?

ISAÍAS — Regatear! Para quê? Mais tem Deus para dar do que o diabo para tomar.

INÊS — Já vejo que é tão pródigo de dinheiro como de anexins!

ISAÍAS — Da pataca do sovina o diabo tem três tostões e dez réis. Poupado sim, sovina não. Eu cá sou assim! Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Tenho um só defeito: quero casar-me. Cada louco com sua mania.

*CANTO*

Hei sido um gato-sapato;  
Preciso do casamento!  
O maldito celibato  
Não é viver, é tormento.

Quero honesta rapariga  
Entre as belas procurar,  
Muito embora o mundo diga:  
Quem já andou não tem pra andar...

A existência de casado  
Talvez venturas me traga,  
Se diz verdade o ditado:  
Amor com amor se paga.

Se eu for constante e fervente,  
Ela tudo isso será;  
Se eu amá-la eternamente,  
Ela também me amará!

Eu escravo e a esposa escrava,  
Viveremos sem desgosto;  
Uma mão a outra lava  
E ambas lavam o rosto!...

Faço-lhe pela milésima vez o meu pedido. Nem todos os dias há carne gorda. A senhora falou-me em um apaixonado. Por onde andará ele? Eu estou aqui, e mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.

INÊS (*À parte.*) — Levemos a coisa com jeito. (*Alto.*) O senhor... (*Com uma idéia.*)  
Ah!

ISAÍAS — Oh!

INÊS — Já viu representar *As pragas do Capitão*?

ISAÍAS — Não, senhora. De pragas ando eu farto.

INÊS — Era um militar que praguejava muito. A senhora que ele amava deu-lhe a mão de esposa, mas depois de estabelecer-lhe a condição de não praguejar durante meia hora.

ISAÍAS — Falo em alhos, e a senhora responde com bugalhos!

INÊS — Já lá vamos aos alhos: aceito a sua proposta.

ISAÍAS (*Impetuosamente.*) — Aceita?

INÊS — Sim, senhor.

ISAÍAS (*Incrédulo.*) — Qual! Quando a esmola é muita, o pobre desconfia...

INÊS — Mas imponho também a minha condição...

ISAÍAS — Imponha: manda quem pode.

INÊS — Se conseguir levar meia hora sem...

ISAÍAS — Sem praguejar?...

INÊS — Não! Sem dizer um anexim! Se o conseguir, é sua a minha mão.

ISAÍAS — Deveras?

INÊS (*Sentando-se.*) — Deveras.

ISAÍAS — Mas eu posso estar calado?

INÊS — Como assim?! Era o que faltava! Há de falar pelos cotovelos!

ISAÍAS — Isso é um pouco difícil: o costume faz lei...

INÊS — Ai, que escapou-lhe um!

ISAÍAS — Pois o que quer? a continuação do cachimbo...

INÊS — Faz a boca torta, já duas vezes.

ISAÍAS — Nas três o diabo as fez.

INÊS — Ai, ai, ai! Vamos muito mal!

ISAÍAS — Mas não tínhamos ainda entrado em campo... Aqueles foram ditos de propósito. Agora sim! Agora é que são elas!

INÊS — Outro!

ISAÍAS — Protesto! “Agora é que são elas” nunca foi anexim. A César o que é de César!

INÊS — O senhor vai perder... Olhe: são duas horas. (*Aponta para um relógio que deve estar sobre a mesa.*) Aceita o desafio? (*Pausa.*) Bem. Quem cala consente...

ISAÍAS — Ah! agora é a senhora quem os diz! Virou-se o feitiço contra o feiticeiro...

INÊS — Ai, ai!

ISAÍAS — Foi engano.

INÊS — Dos enganos comem os escrivães. (*Pausa.*) Então? Diga alguma coisa...

ISAÍAS — O que hei de dizer... senão... que gosto muito da senhora... e...

INÊS — Pois diga: vai tantas vezes o cântaro à fonte, que lá fica.

ISAÍAS — Não me provoque, senhora, não me provoque!

INÊS — Cada qual puxa a brasa para sua sardinha...

ISAÍAS (*Agitado.*) — Brasa! sardinha! Oh! que suplício!

INÊS — O que tem o senhor?

ISAÍAS — Nada... não tenho nada... é que esta proibição me incomoda... Este maldito costume... parece que não estou em mim...

INÊS — Sabe o que mais?

ISAÍAS — Vou saber.

INÊS — Diga o que quiser! Abra a torneira dos anexins, ditados, rifões, sentenças, adágios e provérbios... Fale, fale para aí!

ISAÍAS — E a condição?

INÊS — Caducou. (*Dando-lhe a mão.*) Aqui tem: sou sua.

ISAÍAS (*Contente.*) — Minha! (*Em outro tom.*) E os outros?

INÊS — Não existem, nunca existiram!

ISAÍAS — Pois estou acordado? Se estiver dormindo, deixa-me estar: não me acordes.

INÊS — Está bem acordado.

ISAÍAS — Estou?! (*Pulando de contente.*) Então viva Deus! Viva o prazer!... Trá lá lá rá lá! (*Quer abraçá-la.*)

INÊS (*Gritando.*) — Alto lá! Mais amor e menor confiança!

ISAÍAS — E que o rato nunca comeu mel, quando come... (*Outro tom.*) Pode-se dizer este ditadozinho?...

INÊS — Quantos quiser!

ISAÍAS (*Concluindo.*) — ... se lambuza! (*Tomando-lhe as mãos.*) E tu? amas-me, meu bem?

INÊS — Sossegue: o amor virá depois. Seja bom marido e deixe o barco andar!

ISAÍAS — Apoiado. Roma não se fez num dia!

INÊS — E tenha sempre muita fé nos seus anexins.

ISAÍAS — É verdade: O que tem de ser tem muita força. O homem põe... e a mulher dispõe!...

INÊS — Basta! Despeça-se destes senhores, e vá tratar dos papéis...

ISAÍAS — Quem tem boca não manda... cantar. Mas, enfim... (*Ao público.*)

#### COPLA FINAL

Antes que daqui nos vamos,  
Inês vos dirá quais são  
Os votos que alimentamos

No fundo do coração.

INÊS —

Os votos que neste instante  
Fazemos nestes confins  
*(Deita a mão sobre o coração.)*  
É que nos ameis bastante  
Embora por anexins.

AMBOS

— Muitas palmas esperamos  
De vós:  
Metade para o autor, metade para nós.

*CAI O PANO.*

## BIOGRAFIA

Artur Azevedo (A. Nabantino Gonçalves de A.), jornalista e teatrólogo, nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de outubro de 1908. Figurou, ao lado do irmão Aluísio de Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira nº 29, que tem como patrono Martins Pena.

Foram seus pais David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães, corajosa mulher que, separada de um comerciante com quem casara a contragosto, já vivia maritalmente com o funcionário consular português à época do nascimento dos filhos: três meninos e duas meninas. Casaram-se posteriormente, após a morte na Corte, de febre amarela, do primeiro marido. Aos oito anos Artur já demonstrava pendor para o teatro, brincando com adaptações de textos de autores como Joaquim Manuel de Macedo, e pouco depois passou a escrever as peças que representava. Muito cedo começou a trabalhar no comércio. Depois foi empregado na administração provincial, de onde foi demitido por ter publicado sátiras contra autoridades do governo. Ao mesmo tempo lançava as primeiras comédias nos teatros de São Luís. Aos quinze anos escreveu a peça *Amor por anexins*, que teve grande êxito, com mais de mil representações no século passado. Ao incompatibilizar-se com a administração provincial, concorreu a um concurso aberto, em São Luís, para o preenchimento de vagas de amanuense da Fazenda. Obtida a classificação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano de 1873 e obteve emprego no Ministério da Agricultura.

A princípio, dedicou-se também ao magistério, ensinando Português no Colégio Pinheiro. Mas foi no jornalismo que ele pôde desenvolver atividades que o projetaram como um dos maiores contistas e teatrólogos brasileiros. Fundou publicações literárias, como *A Gazetinha*, *Vida Moderna* e *O Álbum*. Colaborou em *A Estação*, ao lado de Machado de Assis, e no jornal *Novidades*, onde seus companheiros eram Alcindo Guanabara, Moreira Sampaio, Olavo Bilac e Coelho Neto. Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura, em seus ardorosos artigos de jornal, em cenas de revistas dramáticas e em peças dramáticas, como *O Liberato* e *A família Salazar*, esta escrita em colaboração com Urbano Duarte, proibida pela censura imperial e publicada mais tarde em volume, com o título de *O escravocrata*. Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos, principalmente sobre teatro, nas seções que manteve, sucessivamente, em *O País* ("A Palestra"), no *Diário de Notícias* ("De Palanque"), em *A Notícia* (o folhetim "O Teatro"). Multiplicava-se em pseudônimos: Elói o herói, Gavroche, Petrônio, Cosimo, Juvenal, Dorante, Frivolino, Batista o trocista, e outros. A partir de 1879 dirigiu, com Lopes Cardoso, a *Revista do*

*Teatro*. Por cerca de três décadas sustentou a campanha vitoriosa para a construção do Teatro Municipal, a cuja inauguração não pôde assistir.

Embora escrevendo contos desde 1871, só em 1889 animou-se a reunir alguns deles no volume *Contos possíveis*, dedicado a Machado de Assis, seu companheiro na secretaria da Viação e um de seus mais severos críticos. Em 1894, publicou o segundo livro de histórias curtas, *Contos fora de moda*, e mais dois volumes, *Contos cariocas* e *Vida alheia*, constituídos de histórias deixadas por Artur de Azevedo nos vários jornais em que colaborara.

No conto e no teatro, Artur Azevedo foi um descobridor do cotidiano da vida carioca e observador dos hábitos da capital. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas forneceu assunto para as histórias. No teatro foi o continuador de Martins Pena e de França Júnior. Nelas teremos sempre um documentário sobre a evolução da então capital brasileira. Teve em vida cerca de uma centena de peças de vários gêneros e mais trinta traduções e adaptações livres de peças francesas encenadas em palcos nacionais e portugueses. Ainda hoje continua vivo como a mais permanente e expressiva vocação teatral brasileira de todos os tempos, através de peças como *A jóia*, *A capital federal*, *A almanarra*, *O mambembe*, e outras.

Outra atividade a que se dedicou foi a poesia. Foi um dos representantes do Parnasianismo, e isso meramente por uma questão de cronologia, porque pertenceu à geração de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, todos sofrendo a influência de poetas franceses como Leconte de Lisle, Banville, Coppée, Heredia. Mas Artur Azevedo, pelo temperamento alegre e expansivo, não tinha nada que o filiasse àquela escola. É um poeta lírico, sentimental, e seus sonetos estão perfeitamente dentro da tradição amorosa dos sonetos brasileiros.

*Academia Brasileira de Letras*  
*Fevereiro, 2014*